

VENEZUELANOS NO BRASIL: YouTube Como Ferramenta Facilitadora para os Migrantes

<http://dx.doi.org/10.21527/2237-6453.2023.59.12519>

Recebido em: 12/7/2021

Aceito em: 19/9/2022

Antonio Fagner da Silva Bastos,¹ Sérgio Carvalho Benício de Mello,²
Gabriel Benício de Mello³

RESUMO

A atual diáspora venezuelana é um exemplo da crise emigratória no mundo. Aproximadamente 6,15 milhões de venezuelanos já deixaram o país devido à grave crise humanitária. Entre os destinos escolhidos está o Brasil, país problemático no que diz respeito à acolhida, de difícil adaptação socioeconômica, cultural e de idioma. O presente artigo explora mecanismos que tornam possível a migração venezuelana para o Brasil, apesar das barreiras encontradas. Para tal, tem como objetivo observar o papel desempenhado pela plataforma *YouTube* como facilitadora dos deslocamentos contemporâneos. Para dar suporte teórico aos esforços aqui empreendidos, a partir dos conhecimentos produzidos por emigrantes venezuelanos no *YouTube*, fez-se uso da ferramenta capital de rede para explanação crítica dos fenômenos emigratórios em questão. Os achados demonstraram que esta rede social mostra-se capaz de atenuar o processo emigratório de outros venezuelanos a partir do conteúdo produzido por emigrantes *YouTubers*.

Palavras-chave: Venezuela; emigrações; capital de rede; *YouTube*.

VENEZUELAN IN BRAZIL: YOUTUBE AS A FACILITATING TOOL FOR MIGRANTS

ABSTRACT

The current Venezuelan diaspora is an example of the global migratory crisis. Approximately 6.15 million Venezuelans have fled the country due to the serious humanitarian crisis. Brazil is among the chosen destinations, a problematic country in terms of reception, with difficult socioeconomic, cultural and language adaptation. This paper explores mechanisms that make Venezuelan migration to Brazil possible, despite barriers. Thus, it aims to observe the role played by the *YouTube* platform as a facilitator of contemporary displacements. In order to support theoretically the efforts here undertaken, based on the knowledge produced by Venezuelan migrants on *YouTube*, network capital's tool is used for a critical explanation of the migratory phenomena in question. The findings show that this social network helps mitigate the migratory process of other Venezuelans based on the content produced by migrant *YouTubers*.

Keywords: Venezuela; migrations; network capital; *YouTube*.

¹ Autor correspondente: Universidade Federal de Pernambuco – UFPE. Recife/PE, Brasil. <http://lattes.cnpq.br/0818743078078212>. <https://orcid.org/0000-0002-5350-6086>. antonio.fagner@ufpe.br

² Universidade Federal de Pernambuco – UFPE. Recife/PE, Brasil. <http://lattes.cnpq.br/0701427642783016>. <https://orcid.org/0000-0003-3740-9160>

³ Universidade de Brasília – UnB. Brasília, DF, Brasil. <http://lattes.cnpq.br/0311152735924304>. <https://orcid.org/0000-0001-9917-7460>

INTRODUÇÃO

A atual crise dos refugiados já alcançou patamares sem precedentes na História mundial. Conforme o Alto Comissariado das Nações Unidas para os Refugiados (Acnur), cerca de 89,3 milhões de pessoas estavam deslocadas até o final de 2021 por guerras, conflitos, perseguições e violações de direitos humanos, observando-se que mais de 85% daqueles além das fronteiras nacionais estão em países considerados em desenvolvimento, geralmente um país vizinho ao de onde fugiram, com apenas cinco países sendo responsáveis por dois terços destes deslocamentos: Síria, Venezuela, Afeganistão, Sudão do Sul e Mianmar (UNHCR, 2022).

É nesse contexto que, até junho de 2022, fugindo de uma crise humanitária, mais de 6,15 milhões de venezuelanos já haviam cruzado a fronteira e deixado o país em busca, principalmente, dos países vizinhos. Destes destinos o Brasil, mesmo com diversos problemas econômicos e sociais, foi aquele que reconheceu o maior número de venezuelanos como refugiados (R4V, 2022). No ensaio *Fronteiras do ser e do não ser*, o sociólogo português Boaventura de Sousa Santos afirma que as fronteiras são as feridas incuráveis e expostas de um mundo sem fronteiras. E que o único motivo de esperança que as fronteiras (que são físicas e simbólicas) permitem está na emergência de movimentos e associações que se rebelam contra elas e se solidarizam ativamente com as lutas dos emigrantes e refugiados. Não praticam somente ajuda humanitária, mas envolvem-se nas suas lutas, facilitam a comunicação entre emigrantes e exploram meios (legais e ilegais) de libertá-los (SANTOS, 2019).

O artigo em tela mostra interesse pelos mecanismos que tornam possível a emigração venezuelana para o Brasil, apesar das diferentes barreiras encontradas, tais como cultura e idioma, por exemplo. Multifacetada, a compreensão do fenômeno emigratório exige esforços em diferentes direções. Entre as possibilidades, optamos por investigar as formas de cooperação virtual que emergiram entre venezuelanos e demonstrar a utilidade da noção de capital de rede como ferramenta explicativa de parte dos processos emigratórios. Tendo isso em mente, abordamos o caso da recente crise emigratória venezuelana, mais especificamente daqueles que escolheram o Brasil como destino. Trazemos o conceito de capital de rede e sua importância dentro de um olhar que vê a mobilidade como construtora das realidades sociais e produtora de conhecimentos descolonizados. Para ilustrar, utilizaremos o exemplo no Brasil, em que emigrantes venezuelanos estão utilizando o *YouTube* como uma ferramenta para ajudar seus conterrâneos a emigrar e a se adaptar ao Brasil.

Ao iniciar uma jornada migratória um dos requisitos básicos é se informar sobre o destino escolhido. Quais os custos, os documentos necessários, como chegar, se o lugar é acolhedor, se é possível obter emprego, educação, saúde, etc. Com o advento da virtualidade, a busca por informações ficou muito mais acessível. Ao se buscar, contudo, sobre um tema qualquer, a facilidade também gerou excessos de dados disponíveis, tornando necessário descobrir formas de se filtrar a informação que se deseja. Buscar a experiência de algum semelhante que também passou pelo mesmo processo é um caminho. É diante disso que canais de venezuelanos em plataformas virtuais como o *YouTube* ganham relevância. Mesmo que o novo migrante não possua nenhum contato com alguém conhecido no destino selecionado, ele poderá usar a ferramenta para buscar informações. O objetivo deste artigo, portanto, é observar o papel desempenhado pela plataforma *YouTube* como facilitadora dos deslocamentos contemporâneos mediante a análise de como *YouTubers* venezuelanos atuam para facilitar processos relativos à migração.

Nas seções seguintes contextualizamos a crise venezuelana e a acolhida no Brasil. Em seguida, apresentamos a noção de capital de rede e os olhares ontológicos e epistemológicos atrelados a ela. E exemplificamos como o *YouTube* funciona como elemento gerador de capital de rede para potencializar a capacidade de movimento de indivíduos forçados a emigrar.

A CRISE VENEZUELANA

A diáspora venezuelana é oriunda de uma profunda crise econômica e política que se instaurou no país a partir de 2013, quando os emigrantes deixaram a Venezuela em busca de melhores condições de vida tanto para si como para outros que ficaram. Quando o ambiente em que se vive não proporciona condições básicas como alimento, trabalho e segurança, abandoná-lo passa a ser a alternativa derradeira. Diante de um cenário de crise humanitária e política, a Venezuela encontra-se em uma situação de extrema emigração.

Os fatores estruturais ou históricos que condicionaram a origem e evolução da situação atual são diversos. Desde uma transição frustrada de uma economia rentista baseada nas receitas do petróleo para um esquema econômico mais diversificado e que não pode produzir localmente a maioria dos bens demandados pela população – em termos de escassez de alimentos e medicamentos, passando pela corrupção estatal, os bloqueios gerados pelas sanções do imperialismo americano, até os conflitos internos que se dão pelo processo de mudança política que a Venezuela vem passando nas últimas décadas (CHAVES *et al.*, 2017; BORON, 2017).

O chavismo, iniciado com a eleição de Hugo Chávez, consolidou um projeto político focado em maior controle e atuação do Estado (MANTOVANI, 2014). Voltado ao petróleo, o desenvolvimento agrícola e industrial venezuelano foi colocado em segundo plano, com a produção local sendo substituída por importações mais baratas. Escolhas que tornaram o país altamente dependente deste recurso (e praticamente sua única fonte de receita). Eleito ainda em 2013, com o país já apresentando sinais de crise econômica e política, o atual presidente Nicolás Maduro deu continuidade às políticas de Hugo Chávez (CORAZZA; MESQUITA, 2018).

A partir de 2014 a queda internacional dos preços do barril de petróleo, somada à política de controle de preços para segurar artificialmente a inflação, acabou com a indústria interna e gerou uma hiperinflação que fomentou a destruição da moeda local, o bolívar venezuelano. Além disso, sanções impostas pelo imperialismo dos Estados Unidos prejudicaram substancialmente a economia do país (CORAZZA; MESQUITA, 2018). Com isso, a Venezuela passou a viver a maior recessão de sua história com quatro anos seguidos de retração econômica com efeitos severos para a população; só com a fome, por exemplo, os venezuelanos perderem, em média, 11 quilos em 2018 (PARDO, 2019).

Embora, no entanto, estejam presentes discursos de que a crise seja fruto apenas de ações de Nicolás Maduro, na verdade as causas do colapso do país são mais profundas. Seu passado como colônia fomentou uma sociedade rentista (BRICEÑO-LEÓN, 2006), cuja dependência da lógica extrativista na economia até hoje perdura (MANTOVANI, 2016), tendo o país a maior reserva de petróleo do mundo (FONTAINE; CAVIEDES, 2016) e extensas reservas de outros minérios como o ouro, a serem exploradas (ROSALES, 2019), as disputas pelo controle dos recursos e domínio de tal lógica resultaram nas crises políticas e econômicas que acabaram

por deteriorar o país (CHAVEZ *et al.*, 2017). Eventos que tornaram a vida de grande parte da população inviável, com forte polarização política, inflação desenfreada, casos de violência extrema, escassez de comida e acesso a recursos, ausência de serviços de saúde e medicamentos, forçando a população a deixar o país (JOHN, 2019). Crise que não apresenta perspectivas de solução independentemente de quem governe o país e que continua tendo a população venezuelana como a principal afetada.

O contexto de deterioração venezuelana, portanto, forçou sua população a buscar meios para sobreviver. Enquanto a grande maioria da população passa necessidades, sofre com a violência e com os problemas econômicos, alguns poucos grupos – elites como os *boliburgueses*⁴ – não foram afetados e, graças às suas conexões, continuaram a usufruir de uma série de *benesses* e promover o *status quo*. Assim, a maioria, que não possui a mesma estabilidade, viu-se forçada a enfrentar dois caminhos para a sobrevivência. Os primeiros são aqueles que por possuírem pouca ou nenhuma capacidade de movimento, estão paralisados e tentam resistir às condições impostas. Os últimos utilizam de sua capacidade de movimento para tentar sobreviver em outro país e até mesmo auxiliar os remanescentes por meio de remessas de dinheiro do exterior, por exemplo. Situação que os leva a enfrentar condições precárias nos abrigos oferecidos e até mesmo a dormir na rua, mendigar, se prostituir ou a migrar sem apoio algum por regiões dos destinos à procura de algum lugar acolhedor, numa verdadeira condição sub-humana,⁵ cenário comum àqueles que escolheram o Brasil como destino.

VENEZUELANOS NO BRASIL

Com poucos recursos, os emigrantes venezuelanos viram-se forçados a escolher os destinos mais próximos, principalmente aqueles que fazem fronteira com a Venezuela. Para os que optaram pelo Brasil os desafios são imensos, haja vista que se deparam com outro idioma e também com uma cultura bem diferente da sua, o que implica um esforço ainda maior para se integrarem ao país. Trata-se, portanto, de um emigrante em condição de extrema vulnerabilidade adentrando numa nova e diferente cultura. Segundo dados recentes (POLÍCIA FEDERAL, 2019), mais de 504 mil venezuelanos cruzaram a fronteira apenas entre janeiro de 2017 e setembro de 2019. Até janeiro de 2022, cerca de 351 mil continuavam no país, tendo obtido algum tipo de autorização para permanecerem, entre pedidos de refúgio ou residência temporária⁶ (OIM, 2021; R4V, 2022).

⁴ Elite afortunada formada por militares, políticos, funcionários públicos e empresários ligados ao chavismo. Por manter conexões com o regime, esses grupos também foram apelidados de enchufados (apadrinhados). Veja mais em: <https://www1.folha.uol.com.br/mundo/2019/02/alheiros-a-crise-burgueses-venezuelanos-mantem-vida-de-luxo.shtml> ou <https://theintercept.com/2019/04/07/venezuela-maduro-fome-elite-golfe>.

⁵ Reportagem do Portal UOL, de março de 2018, denunciava que para sobreviver, venezuelanas se prostituem em Roraima. Veja mais em: <https://noticias.uol.com.br/saude/ultimas-noticias/redacao/2018/03/31/las-ochenta-venezuelanas-recorrem-a-prostituicao-nas-ruas-do-brasil.htm>.

⁶ A condição de refugiado é dada a pessoas com fundado temor por sua vida por motivos de: religião, opinião política, pertencimento a um determinado grupo social ou étnico, devido a conflitos armados e a grave e generalizada violação de direitos humanos. Ou seja, se o emigrante possuir algum temor de retornar à Venezuela é recomendável que solicite refúgio. Já a condição de residente temporário, que após dois anos pode se transformar em residência por tempo indeterminado, é dada a pessoas de países fronteiriços por diferentes motivos, entre eles a condição de crise humanitária.

Destarte, compelido a sair de seu país em busca de melhores condições de vida, o emigrante venezuelano enfrenta uma série de desafios ao chegar ao Brasil. Primeiro, o país passa por uma crise econômica sem precedentes, com alto índice de desemprego⁷ e insatisfação popular generalizada.⁸ Em segundo lugar, uma polarização política se faz presente e nela a Venezuela está sempre sendo mencionada como exemplo e contraexemplo, o que pode favorecer episódios de xenofobia. Terceiro, o país passa por uma crise moral, em que discursos contra direitos humanos ganham força, assim como outros ultranacionalistas. Quarto, o Brasil vem enfrentando uma série de crises ambientais (desastres com barragens de rejeitos de minério, aumento de queimadas em biomas, litoral sendo poluído por petróleo bruto). E por último, o país é o mais afetado da região e segundo em âmbito mundial⁹ pela pandemia em número de casos e de mortes. Todo um contexto presente no destino que pode desfavorecer a vida dos emigrantes.

Tendo em vista dar alguma resposta àqueles que buscaram o Brasil, no primeiro trimestre de 2018 foi iniciada a Operação Acolhida. Viabilizada pelo governo federal e pela Organização das Nações Unidas (ONU), a política consiste em ordenar, abrigar e, mediante um programa de interiorização, levar os migrantes, situados em Roraima, para outras cidades do país, para que eles possam ter novas oportunidades de vida e de trabalho (EXÉRCITO DO BRASIL, 2018). Não obstante, menos de 80 mil venezuelanos¹⁰ haviam sido contemplados pelo programa de interiorização da Operação Acolhida até março de 2022, o que indica uma lacuna gigantesca entre a permanência e a interiorização dos venezuelanos. Ou seja, por motivos de uma demanda muito superior à que o programa abarca, a maior parte dos emigrantes está buscando a integração ou reunião familiar por conta própria, o que tende a gerar problemas sociais, de saúde, habitacionais, etc., levando-os a enfrentar condições sub-humanas. Além disso, até mesmo o emigrante beneficiado pelo programa de interiorização não necessariamente consegue ter um acolhimento que propicie sua integração (SIMÕES *et al.*, 2017), adversidades que poderão ser ou não mais facilmente enfrentadas pelos emigrantes conforme o capital de rede que eles possuam.

CAPITAL DE REDE COMO FATOR DE DISTINÇÃO

Ao observamos que indivíduos oriundos do mesmo destino encontram-se em situações diferentes no ponto de chegada leva-nos a tentar compreender os motivos. Defendemos que tais distinções poderiam ser explicadas a partir do capital de rede presente em cada grupo. O capital de rede refere-se às conexões pessoais como uma forma de capital capaz de gerar

⁷ Em 14 de agosto de 2020 o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística divulgou que mais de 40 milhões de brasileiros estão à procura de emprego. Veja mais detalhes em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-sala-de-imprensa/2013-agencia-de-noticias/releases/28614-pnad-covid19-7-1-da-populacao-ocupada-estava-afastada-do-trabalho-devido-ao-distanciamento-social-na-quarta-semana-de-julho>.

⁸ Em 2018, por exemplo, uma greve promovida por caminhoneiros paralisou o país por mais de uma semana. Mais detalhes podem ser encontrados em Mello, Bastos e Mello, 2022.

⁹ Com dois anos de pandemia, em 11 de março de 2022, segundo a plataforma Worldometers, o Brasil alcançou a marca de 30 milhões de infectados e ultrapassou os mais de 650 mil óbitos, perdendo em número apenas para os EUA. Dados atualizados estão disponíveis em: <https://www.worldometers.info/coronavirus/country/brazil>.

¹⁰ Segundo dados da Plataforma R4V disponíveis em 19 de julho de 2022 o número exato de venezuelanos interiorizados era de 78.767. Os dados podem ser acompanhados em: <http://aplicacoes.mds.gov.br/snas/painel-interiorizacao/>.

retornos, uma forma de capital em pé de igualdade com o capital econômico e cultural (WONG; SALAFF, 1998).

A definição de capital de rede que utilizamos é a de Urry (2012). Para ele, capital de rede é a *capacidade de engendrar e manter relações sociais com pessoas próximas ou distantes em busca de ganhos emocionais, financeiros e práticos*. Conforme Martin (2017), o capital de rede surge do acesso às possibilidades burocráticas, econômicas, sociais, corporais, infraestruturais e tecnológicas que facilitam a mobilidade. O capital de rede fornece uma perspectiva que enfatiza as conexões em si, em vez dos recursos conectados (HOGAN, 2014).

Urry (2012), contudo, salienta que as mobilidades subjacentes não fazem nada por si mesmas. Para ele, o essencial são as consequências sociais de tais mobilidades, ou seja, ser capaz de engendrar as relações sociais com pessoas e lugares, não fisicamente próximas, visando a formar e sustentar redes (URRY, 2012). Os membros da rede fornecem ajuda emocional, material, informacional, companheirismo e um sentimento de pertença. Seu “apoio social” é uma das principais maneiras pelas quais as famílias obtêm recursos para lidar com a vida diária, aproveitar oportunidades e reduzir incertezas (WELLMAN *et al.*, 2001). O capital de rede requer, portanto, os suportes físicos para a rede – a infraestrutura que permite mobilidade e conectividade – bem como as competências incorporadas de indivíduos e grupos para obter vantagem desses suportes em diferentes graus (HOGAN, 2014).

O conceito de capital de rede já é até mesmo usado de forma semelhante pelo Alto Comissariado das Nações Unidas para os Refugiados – Acnur (2019) – quando considera que a população refugiada dispõe, além de capital econômico e/ou social, de razoável conhecimento de rotas de viagem e conhecimentos administrativos essenciais à emigração. Aos últimos, o Acnur (2019) denomina capital de mobilidade, que seria um conjunto de bens que se apresentam sob a forma de conhecimentos (formalidades administrativas, procedimentos de viagens, conhecimentos linguísticos e de costumes) e documentos de migração (passaporte, contratos de trabalho ou vistos para residência).

Segundo Urry (2012), o capital de rede consiste numa série de documentos apropriados, vistos, dinheiro, qualificações que permitem um movimento seguro; conexões com outros a distância que oferecem hospitalidade; capacidades físicas e cognitivas de movimento; pontos de informações e de contato; aparelhos de comunicação; locais de encontro apropriados e seguros; acesso a múltiplos sistemas e tempo e recursos para gerenciar quando há uma falha no sistema. Tomando os aparelhos de comunicação como exemplo, Rettie (2008) mostra como os telefones celulares ampliam o valor das redes porque aumentam as oportunidades de socialidade e porque permitem que os usuários prestem serviços às suas relações com mais facilidade. A comunicação por celular aumenta a disponibilidade de suporte social amplificando o suporte proporcionado pelos contatos da rede, gerando o capital social (RETTIE, 2008).

O capital da rede é gerado por meio de mobilidades, pode ser produzido a distância e é autocatalisante – a produção de conexões é central para o seu valor e cria oportunidades para criar mais conexões (HOGAN, 2014). Assim, o capital de rede pode ser resumido em oito elementos (URRY, 2012): dispositivos burocráticos (dinheiro, passaporte, cartões de crédito); contatos facilitadores (familiares, amigos, conhecidos); capacidades de movimento (física e cognitiva); pontos de auxílio (informação e apoio); dispositivos de comunicação (*smartphones*,

etc.); pontos de abrigo (locais seguros, embaixadas, hotéis); infraestrutura (aeroportos, estradas) e tempo (no sentido de momento).

Segundo Urry (2012), os grupos sociais ricos em capital de rede desfrutam de significativas vantagens em fazer e refazer suas conexões sociais, sendo os benefícios emocionais, financeiros e práticos não redutíveis aos benefícios que as pessoas obtêm do capital econômico e cultural. Ou seja, é um capital amplamente disponível, mas especializado e distribuído de forma desigual entre pessoas, laços e redes (WELLMAN *et al.*, 2001). Urry (2012) ilustra alguns casos de como as desigualdades no capital da rede afetaram contextos de paralisia. Quando o furacão *Katrina* atingiu Nova Orleans, em 2005, grupos com alto capital de rede conseguiram fugir com antecedência devido à propriedade de carros, contatos e comunicações, enquanto pobres de capital de rede foram deixados para o impacto do furacão. Outro exemplo citado é de que a maioria das pessoas que morrem em acidentes causados por carros, não os possuem (pedestres e ciclistas). Exemplos que demonstram o importante papel que o capital de rede desempenha e como sua ausência afeta os indivíduos.

Uma melhor compreensão do papel do capital de rede para a mobilidade dos indivíduos, no entanto, passa por um olhar ontológico, tanto para demonstrar como o movimento é construtor das realidades sociais como para contextualizar os conhecimentos presentes no ato de emigrar.

VIDAS MÓVEIS NO SUL GLOBAL

Partindo do ponto em que a ciência social estática não mais parecer ser capaz de responder aos problemas contemporâneos gerados por um mundo em contínuo movimento, Sheller e Urry (2006, 2014), baseados em trabalhos anteriores deste último, apresentaram a ideia do *paradigma das mobilidades*. Uma visão de mundo em movimento, com a mobilidade sendo entendida como o movimento de pessoas, bens e informações, em que os meios de deslocamento e comunicação modernos são estruturantes e reveladores dos mecanismos de reprodução social (URRY, 2007). Vivemos em tempos de intensificação dos deslocamentos humanos e aceleração dos fluxos digitais (FREIRE-MEDEIROS; TELLES; ALLIS, 2018), em que a mobilidade se torna condição de existência que relaciona as infraestruturas imóveis que organizam o fluxo intermitente de pessoas, informações e imagens, com as fronteiras ou bloqueios que limitam, canalizam e regulam o movimento (SHELLER; URRY, 2006, 2014).

De acordo com Hannam, Sheller e Urry (2006), as novas mobilidades estão gerando mudanças climáticas, movimentando riscos e doenças em todo o mundo, alterando padrões de viagens, turismo e emigração, produzindo uma vida familiar mais distante, transformando a vida social e educacional dos jovens, conectando pessoas distantes, ou seja, estão centralmente envolvidas na reorganização de instituições. Como a mobilidade envolve um emaranhado frágil de movimentos físicos, representações e práticas (CRESSWELL, 2010), ela se mistura com percepções, experiências e desejos do eu moderno (JENSEN, 2011), fazendo com que o social seja reestruturado. E assim, uma nova condição *móvel* se constitui, o que gera mudanças substanciais na política, no exercício do poder e resistência a ela, mas também nos modos de perceber e organizar a vida cotidiana (JEREZ, 2016). A desigualdade de condições de vida se daria, portanto, pela incapacidade de se ter uma vida móvel.

Diante desta nova condição móvel, a identidade reformula-se em termos de capacidades para movimento. Para Urry (2007) e Elliott e Urry (2010), a vida “em movimento” exige que o deslocamento espaçotemporal seja central, o que demanda flexibilidade, adaptabilidade e reflexividade para se viver numa condição de estabilidade dinâmica. Tornar-se móvel é algo inerente ao homem moderno, pois quanto mais potencialmente móvel mais adaptado ao mundo contemporâneo o indivíduo estará. Uma vida em movimento, no entanto, também tem seus problemas, por exemplo, avanços sexuais efêmeros, viagens imprevisíveis, separação de entes queridos e alta dependência de uma série de tecnologias de tempo real (ELLIOTT; URRY, 2010). Formas específicas de mobilidade implicam formas específicas de benefício e perigo, todas imbricadas com as materialidades de lugares particulares e com as singularidades da experiência incorporada dos sujeitos móveis (MARTIN, 2017). Assim, ao mesmo tempo que o indivíduo é condicionado ao movimento, este também fica exposto a percalços que poderão ser subsumidos em decorrência de quão potencialmente móvel for o indivíduo.

O potencial de movimento do indivíduo pode ser traçado por meio das variáveis acesso, competência e apropriação, que são a base do conceito de motilidade (KAUFMANN, 2014). A variável acesso refere-se à gama de mobilidades possíveis de acordo com o local, o tempo e outras restrições contextuais, e pode ser influenciado por redes e dinâmicas dentro dos territórios. Já a competência inclui capacidades e habilidades que podem direta ou indiretamente se relacionar ao acesso e à apropriação. Por último, a apropriação refere-se a como agentes (incluindo indivíduos, grupos, redes ou instituições) interpretam e agem com base no acesso ou nas habilidades percebidas ou reais (KAUFMANN; BERGMAN, JOYE, 2004). Tal conceito é complementar ao de capital de rede e ajuda na compreensão de contextos em que a estabilidade dinâmica vigora. Quando, no entanto, a estabilidade se perde, o conceito de capital de rede parece mais apropriado para explicar como o indivíduo se desloca para e em outro lugar em busca de recuperá-la. Ou seja, os indivíduos carecem de ambientes com estabilidade dinâmica e quando não os encontram, movem-se em sua direção. Destinos que, por sua vez, possuem suas lógicas e conhecimentos próprios e que carecem ser aprendidos por aqueles que imigram.

Assim, dentro de uma visão do movimento como construtor da realidade social e da necessidade de se obter uma série de conhecimentos que permitam a adaptação e integração a um determinado destino, no caso dos venezuelanos no Brasil, como investigar o papel do capital de rede como mecanismo que potencializa o movimento dos indivíduos? Um caminho que propomos é investigar os conhecimentos gerados por emigrantes venezuelanos em território brasileiro e como este conhecimento é capaz de potencializar o movimento de outros venezuelanos. Diante disso, para identificar as práticas e conhecimentos que estão sendo gerados pelos venezuelanos para favorecer a emigração diante dos desafios que a acolhida brasileira oferece, destacamos o papel desempenhado por *YouTubers* venezuelanos morando no Brasil em agregar capital de rede aos seus conterrâneos.

O YOUTUBE COMO FERRAMENTA DE CAPITAL DE REDE

Na modernidade, principalmente com o advento da virtualidade, a busca por informações ficou muito mais acessível, no entanto, ao se buscar conhecimento sobre um tema qualquer, a facilidade também gerou excessos de dados disponíveis, tornando necessário descobrir formas de se filtrar a informação que se deseja. Atualmente as redes sociais são os pontos

de aglutinação da sociedade (HIDALGO-MARÍ; SEGARRA-SAAVEDRA, 2017), porém ao mesmo tempo que aproximam, podem dificultar o encontro de informações relativamente confiáveis. Tendo isso em vista, é de se esperar que para se aprender sobre algo, como a cultura, o idioma ou determinados conhecimentos de um país, por exemplo, os indivíduos busquem redes sociais de quem já tem alguma experiência sobre aquilo buscado. Dessa forma, por suas características de facilidade de acesso e linguagem, bem como pela permanência do que é produzido, o *YouTube* acaba por se tornar uma rede social muito utilizada para aprendizagem (FRALINGER; OWENS, 2009).

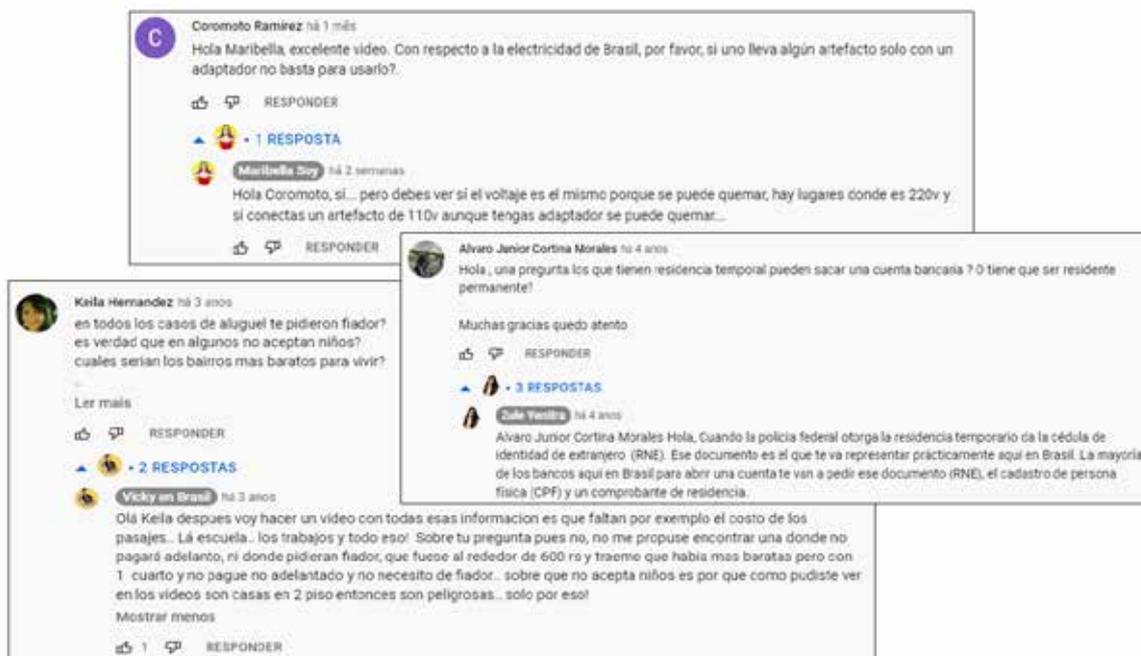
No *YouTube* qualquer pessoa que tenha um canal aberto o usa para publicação de vídeos e comentários, com o objetivo de obter mais visitas e aumentar sua audiência, geralmente sobre um tema específico (HIDALGO-MARÍ; SEGARRA-SAAVEDRA, 2017). De acordo com Loizos (2002), mídias como vídeos e filmes oferecem um registro restrito, mas poderoso das ações temporais e dos acontecimentos reais, concretos e materiais e, por consequência, trazem um discurso mais acessível, ao combinarem imagem, movimento e texto na busca de transmitir uma mensagem. Essa rede social funciona ainda como porta de entrada para o aumento da rede de contatos (*Instagram, Facebook, Telegram, WhatsApp*, etc.), pois é praxe os donos dos canais deixarem outras redes sociais para que os usuários possam acompanhá-los no cotidiano e até interagir de forma mais pessoal. Características que ajudam a explicar o porquê da escolha do *YouTube* aqui realizada.

Para exemplificarmos o uso do *YouTube* como ferramenta de capital de rede, fizemos primeiro uma pesquisa básica dos termos-chave “Brasil”, “Venezuela”, “Emigração”, “Venezolanos em Brasil” e selecionamos apenas canais que pertenciam a venezuelanos e que em seus vídeos tivessem o conteúdo com viés ao tema emigração. Encontramos inicialmente 21 canais, tanto com número expressivo de seguidores, como canais novos e/ou com poucos inscritos, para o corte deste texto, Dado o teor do conteúdo ser parecido, escolhemos os 5 canais mais populares, cada um com mais de 10 mil seguidores:

- *Alejandra TeamJ*, morando em Boa Vista (RR), seu canal possuía em junho de 2021 mais de 11 mil inscritos e quase 1 milhão de visualizações em seus vídeos;
- *Zule VenBra*, morando em Sirinhaém (PE), seu canal possuía em junho de 2021 mais de 13 mil inscritos e mais de 1 milhão de visualizações em seus vídeos;
- *Alam Romero*, vivendo em Boa Vista (RR), seu canal possuía em junho de 2021 mais de 19 mil inscritos e quase 200 mil visualizações;
- *Vicky Marquez*, morando em Curitiba (PR), seu canal possuía em junho de 2021 mais de 13 mil inscritos e mais de 1,6 milhão de visualizações em seus vídeos;
- *Maribella*, vivendo em Foz do Iguaçu tinha mais de 17 mil inscritos e quase 1,5 milhão de visualizações até junho de 2021.

Do conteúdo destes, bem como nos comentários aos vídeos, pôde-se observar como os canais são utilizados como verdadeiros “tira-dúvidas” de seus inscritos, principalmente sobre temas relacionados ao Brasil ou à Venezuela. A Figura 1, a seguir, ilustra tal dinâmica.

Figura 1 – Exemplos de interações entre público e *Youtubers*



Fonte: Retirado de *YouTube*.

Nos conteúdos ali presentes observamos elementos que compõem o capital de rede (dispositivos burocráticos, contatos facilitadores, capacidades de movimento física e cognitiva, pontos de auxílio, dispositivos de comunicação, pontos de abrigo, infraestrutura e tempo). É possível encontrar vídeos com a experiência de comprar comida no Brasil e levar de volta à Venezuela, inclusive com a diferença de preços entre os produtos e meios de converter os bolívares em reais; meios de se deslocar entre Santa Elena de Uairén e Pacaraima no Brasil, abrangendo os valores necessários a serem pagos, bem como trilhas que eram utilizadas quando a fronteira venezuelana foi fechada, como obter produtos como telefones celulares ou gás de cozinha.

Acrescentam-se também informações sobre como retirar documentos exigidos no Brasil, como CPF e Carteira de Trabalho, bem como os meios legais, como visto de residência, para se manter no país. Informações sobre os sistemas de saúde e educação brasileiros e como usufruir deles. Meios para se conseguir dinheiro, por exemplo, produtos venezuelanos que possam ser vendidos em feirinhas locais e meios seguros de se economizar e transferir dinheiro para a Venezuela, como também orientações para abrir conta bancária no Brasil. Além de dicas básicas sobre segurança, informes sobre a situação dos venezuelanos em cidades próximas à fronteira e casos de xenofobia e tráfico de pessoas relatados.

É possível encontrar também dicas sobre que objetos deixar e quais trazer para o Brasil, bem como a importância de itens como a bicicleta para os venezuelanos se deslocarem na região de fronteira. Vídeos que dão dicas sobre cultura brasileira, sobre como romper a barreira idiomática, relatos de experiência de trabalho e do cotidiano e formas de montar currículos para tentar adentrar no mercado de trabalho brasileiro. Orientações de como alugar imóveis, bem como de lugares brasileiros para se tentar a vida. E finalmente, orientações sobre os programas de interiorização para venezuelanos do governo brasileiro e as condições dos abrigos oferecidos.

Ou seja, por meio dos canais analisados é possível obter orientações sobre os dispositivos burocráticos, tais como dinheiro, documentos, contas bancárias; sobre os pontos de auxílio para obter informação e apoio; a respeito dos pontos de abrigo oferecidos pelo governo e outros tipos de locais seguros; sobre infraestrutura como aeroportos e estradas; sobre formas de se movimentar e saberes necessários para tal funcionam como contato facilitador e sobre dispositivos de comunicação como *smartphones* e grupos para aumentar rede de contatos; e a respeito dos distintos momentos do ato de emigrar, como planejamento prévio e adaptação. O que demonstra como a plataforma virtual em questão desempenha um importante papel de capital de rede para tornar menos árdua a emigração dos venezuelanos para um destino que oferece um contexto de acolhida problemático.

ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

Diante do cenário de crise humanitária e política em que vive a Venezuela, a parte da população que não consegue ter alguma estabilidade no país e que possui alguma capacidade de movimento se vê forçada a emigrar, com o Brasil sendo um dos principais destinos buscados. Existem, no entanto, alguns desafios extras para aqueles que escolheram o nosso país, como diferenças de idioma e cultura, além dos problemas socioeconômicos aqui presentes, o que torna oportuno a compreensão dos mecanismos que possibilitam a integração e adaptação diante dos obstáculos oferecidos pelo contexto de acolhida brasileiro. Assim, buscamos demonstrar com este artigo a utilidade da noção de capital de rede como ferramenta explicativa dos processos migratórios.

O capital de rede ajuda no entendimento dos mecanismos que permitem a distinção entre os que ficam expostos a condições de vulnerabilidade durante o deslocamento e os que conseguem fazer trajeto e adaptação mais amenos. Nesse sentido, um elemento que se faz necessário é possuir conhecimentos prévios sobre o Brasil. O que, como demonstramos, pode ocorrer por meio do uso do *YouTube* que atua como ferramenta geradora de capital de rede e potencializa o movimento dos indivíduos.

Em seus canais, além de orientações, os *YouTubers* dividem a experiência de viver em outro país e interagem tanto com brasileiros como com conterrâneos. Além disso, são geradores de novos agenciamentos oriundos da emigração e ajudam a ilustrar o funcionamento das políticas de acolhimento adotadas pelo governo e o processo de adaptação a um novo país. Um olhar minucioso em seu conteúdo produzido pode inclusive servir para apontar possíveis falhas na atuação governamental perante o governo. Ao agregarem capital de rede aos seus conterrâneos, eles ajudam a construir realidades sociais, ao mesmo tempo que estão produzidos saberes sobre o ato de emigrar no contexto entre países que compartilham problemas socioeconômicos, mesmo que em escalas diferentes.

REFERÊNCIAS

ACNUR. Alto Comissariado das Nações Unidas para os Refugiados. *Perfil Socioeconômico dos Refugiados no Brasil*. 2019. Disponível em: <https://www.acnur.org/portugues/wp-content/uploads/2019/05/Resumo-Executivo-Versa%CC%83o-Online.pdf>. Acesso em: 3 ago. 2019.

BORON, A. Orígenes, magnitud y condicionantes de la situación actual de Venezuela. In: CHAVEZ, D. et al. *Venezuela: Lecturas urgentes desde el sur*. Buenos Aires: Clacso, 2017.

- BRICEÑO-LEÓN, R. A violência na Venezuela: renda petroleira e crise política. *Ciência & Saúde Coletiva*, Rio de Janeiro, v. 11, n. suppl, p. 1.223-1.233, 2006.
- CHAVEZ, D. *et al. Venezuela: lecturas urgentes desde el sur*. Buenos Aires: Clacso, 2017.
- CORAZZA, F.; MESQUITA, L. Crise na Venezuela: o que levou o país vizinho ao colapso econômico e à maior crise de sua história. *BBC News*, 30 abr. 2018. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-45909515>. Acesso em: 2 jun. 2019.
- CRESSWELL, T. Towards a politics of mobility. *Environment and planning: society and space*, Santa Bárbara, CA, v. 28, n. 1, p. 17-31, 2010.
- ELLIOTT, A.; URRY, J. *Mobile lives*. Londres: Routledge, 2010.
- EXÉRCITO DO BRASIL. Operação Acolhida: núcleo familiar é preservado nos abrigos para imigrantes em Boa Vista. *Exército do Brasil*, abr. 2018. Disponível em: https://www.eb.mil.br/web/noticias/noticiario-do-exercito/-/asset_publisher/MjaG93KcunQI/content/operacao-acolhida-nucleo-familiar-e-preservado-nos-abrigos-para-imigrantes-em-boa-vista-e-pacaraima. Acesso em: 4 ago. 2019.
- FONTAINE, G.; CAVIEDES, C. M. How resource nationalism hinders development: the institutional roots of the economic recession in Venezuela. *Revista do Serviço Público*, Brasília, v. 67, n. 4, 2016.
- FRALINGER, B.; OWENS, R. You Tube as a learning tool. *Journal of College Teaching & Learning (TLC)*, Littleton, CO, v. 6, n. 8, 2009.
- FREIRE-MEDEIROS, B.; TELLES, V. S.; ALLIS, T. Apresentação: por uma teoria social on the move. *Tempo Social, São Paulo*, v. 30, n. 2, p. 1-16, 2018.
- HANNAM, K.; SELLER, M.; URRY, J. Editorial: Mobilities, immobilities and moorings. *Mobilities*, Lancaster, v. 1, n. 1, p. 1-22, 2006.
- HIDALGO-MARÍ, T.; SEGARRA-SAAVEDRA, J. El fenómeno youtuber y su expansión transmedia. Análisis del empoderamiento juvenil en redes sociales. *Fonseca, Journal of Communication*, Salamanca, v. 15, p. 43-56, 2017.
- HOGAN, A. Boundary spanners, network capital and the rise of edu-businesses: The case of News Corporation and its emerging education agenda. *Critical Studies in Education*, Londres, v. 56, n. 3, p. 301-314, 2014.
- JENSEN, A. Mobility, space and power: On the multiplicities of seeing mobility. *Mobilities*, Lancaster, v. 6, n. 2, p. 255-271, 2011.
- JEREZ, F. A. La movilidad socio-espacial desde la teoría de Pierre Bourdieu: capital de motilidad, campo de movilidad y habitus ambulante. *Sociedad y Economía*, Cali, n. 31, p. 15-32, 2016.
- JOHN, M. Venezuelan economic crisis: crossing Latin American and Caribbean borders. *Migration and Development*, Oxford, v. 8, n. 3, p. 437-447, 2019.
- KAUFMANN, V. Mobility as a Tool for Sociology. *Sociologica*, Bologna, v. 8, n. 1, 2014.
- KAUFMANN, V.; BERGMAN, M. M.; JOYE, D. Motility: mobility as capital. *International journal of urban and regional research*, New York, v. 28, n. 4, p. 745-756, 2004.
- LOIZOS, P. Vídeo, filme e fotografias como documentos de pesquisa. In: BAUER, Martin W.; GASKELL, George (ed.). *Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático*. Petrópolis: Vozes, 2002. p. 137-155.
- MANTOVANI, E. T. *El fantasma de la Gran Venezuela: un estudio del mito del desarrollo y los dilemas del petro – Estado en la Revolución Bolivariana*. Caracas: Celarg, 2014.
- MANTOVANI, E. T. Las nuevas fronteras de las commodities en Venezuela: extractivismo, crisis histórica y disputas territoriales. *Ciencia Política*, Bogotá, v. 11, n. 21, p. 251-285, 2016.
- MARTIN, F. Rethinking network capital: hospitality work and parallel trading among Chinese students in Melbourne. *Mobilities*, Lancaster, v. 12, n. 6, p. 890-907, 2017.
- MELLO, S. C. B.; BASTOS, A. F. S.; MELLO, G. B. [Im]Mobility and Trucking Disruption: what happened to isolated cities and individuals in Brazil after a supply blockage. *Applied Mobilities*, Londres, v. 7, n. 2, 2022.
- OIM. Organização Internacional Para as Migrações. *Informe de Interiorização Janeiro 2021*. Disponível em: <https://r4v.info/es/situations/platform/location/7509>. Acesso em: 20 mar. 2021.
- PARDO, D. Como era a “Venezuela saudita”, um dos países mais ricos dos anos 50 e 80. *BBC News Mundo*, 2 mar. 2019. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-4742373>. Acesso em: 23 abr. 2020.
- POLÍCIA FEDERAL. Migração. *Polícia Federal do Brasil*. Out. 2019. Disponível em: http://www.pf.gov.br/servicos-pf/imigracao/Apresentao_setembro_2019_VF.pdf/view. Acesso em: 20 out. 2019.

- R4V. Plataforma Regional de Coordenação Interinstitucional para Refugiados e Migrantes da Venezuela. *Refugiados y migrantes de Venezuela*. Acnur – Alto Comissariado das Nações Unidas para os Refugiados. 2022. Disponível em: <https://r4v.info/es/situations/platform>. Acesso em: 8 jan. 2022.
- RETTIE, R. Mobile phones as network capital: facilitating connections. *Mobilities*, Lancaster, v. 3, n. 2, p. 291-311, 2008.
- ROSALES, A. Radical rentierism: gold mining, cryptocurrency and commodity collateralization in Venezuela. *Review of International Political Economy*, Londres, v. 26, n. 6, p. 1.311-1.332, 2019.
- SANTOS, B. S. Um mundo sem Fronteiras? *Outras Palavras*, 9 maio 2019. Disponível em: <https://outraspalavras.net/geopoliticaeguerra/boaventura-um-mundo-sem-fronteiras/>. Acesso em: 22 out. 2020.
- SHELLER, M.; URRY, J. The new mobilities paradigm for a live sociology. *Current Sociology*, Londres, v. 62, n. 6, p. 789-811, 2014.
- SHELLER, M.; URRY, J. The new mobilities paradigm. *Environment and Planning*, Londres, v. 38, p. 207-226, 2006.
- SIMÕES, Gustavo Frota *et al.* *Perfil sociodemográfico e laboral da imigração venezuelana no Brasil*. Curitiba: CRV, 2017.
- UNHCR. *Global Trends in Forced Displacement – 2021*. 16 jun. 2022. Disponível em: <https://www.unhcr.org/statistics/unhcrstats/60b638e37/global-trends-forced-displacement-2020.html/>. Acesso em: 30 jun. 2022.
- URRY, J. *Mobilities*. Londres: Polity, 2007.
- URRY, J. Social networks, mobile lives and social inequalities. *Journal of Transport Geography*, Londres, v. 21, p. 24-30, 2012.
- WELLMAN, B. *et al.* Network capital in a multi-level world: Getting support from personal communities. *Social Capital: Theory and Research*, New York, v. 1, n. 10, p. 233-273, 2001.
- WONG, S.; SALAFF, J. W. Network capital: emigration from Hong Kong. *British Journal of Sociology*, Londres, v. 49, n. 3, p. 358-374, 1998.

Todo conteúdo da Revista Desenvolvimento em Questão está
sob Licença Creative Commons CC – By 4.0